

Esboço de um programa para o estudo antropológico, patológico e demográfico do povo português

Adolfo Coelho¹

Ocupa-se a Secção de Ciências Étnicas de reunir os documentos necessários para um estudo do povo português, nas suas condições actuais, comparadas tanto quanto possível com as passadas e com as dos outros povos da Europa, a fim de determinar até que ponto é real o grau de decadência de que nos acusam e nos acusamos muitas vezes, as causas dessa decadência e os remédios que devem ser-lhes opostos.

A estreita relação que o progresso dos conhecimentos tem pouco a pouco estabelecido entre as ciências naturais e as ciências psicológicas (no sentido lato desta palavra, que torna a nossa expressão equivalente da de *Geisteswissenschaften*, empregada pelos alemães, e no qual ela compreende também as ciências sociais), essa estreita relação, sem de modo algum eliminar a distinção lógica dos dois domínios, exige que cada fenómeno psíquico-social, assim como os psíquico-individuais, seja estudado nas suas correlações com os fenómenos somáticos do meio humano em que se produz, assim como estes na sua dependência de todas as condições do meio exterior ao homem. A Secção de Ciências Étnicas não poderia eximir-se a traçar um plano para o seu trabalho em que fossem atendidas essas exigências do espírito hodierno, embora se esteja bem longe de poder dar-lhe satisfação definitiva, e consequentemente esboçou um quadro de investigação que pode condensar-se no seguinte esquema:

I. Condições somáticas	{ a. normais b. patológicas				
II. Condições psíquicas	{ a. noológicas b. éticas c. estéticas	Actividade prática	{ Indústria Economia social	}	nas suas relações com a raça, o meio geográfico, o meio social e a história.

Esse esquema é criticável sob diversos aspectos, mas principalmente porque nas condições psíquicas não faz distinção entre o estado normal e o estado patológico. Imperou sobre nós uma consideração de ordem prática: as doenças mentais são do domínio quase exclusivo da medicina; pertence pois

¹ Coelho, Adolfo (1993 [1890]). Esboço de um programa para o estudo antropológico, patológico e demográfico do povo português In *Obra Etnográfica. Festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal* (pp. 681 – 701). Lisboa: Publicações Dom Quixote. Texto transcrito sem notas de rodapé.

aos médicos estudá-las conjuntamente com as perturbações respectivas somáticas. A distinção entre normal e patológico é, em verdade, no que respeita aos graus de passagem, difícil de traçar e mais difícil no domínio psíquico que no somático. Onde termina a saúde e onde começa a doença? É na plenitude da primeira que se inicia a segunda. No campo da psicologia normal achámos já os fenómenos que, exagerando-se num ou noutro sentido, vêm a constituir-se em perturbações típicas e fixas. Subentendemos todavia que as psicoses, quer tenham significação meramente individual, que significação colectiva, serão consideradas com as outras doenças. Observaremos ainda que a designação de condições normais tem para nós um valor tão puramente relativo que, como abaixo se verá, o povo português considerado colectivamente, nas suas manifestações sociais, se nos afigura revelar os sintomas de um estado mórbido persistente, de uma doença étnica.

O nosso plano não pode ser realizado, dentro dos limites actuais dos métodos científicos, sem o concurso de numerosas forças, e por isso a Secção de Ciências Étnicas recorre ao auxílio valioso de outras secções da nossa sociedade e em especial das Secções de Antropologia, Geografia Médica e Estatística.

I - Estudo antropológico do povo português

Pedimos à Secção de Antropologia os dados mais indispensáveis para a apreciação das condições somáticas normais do povo português, que permitam julgar de um lado dos característicos da sua constituição, do grau de seu vigor físico, e possam contribuir de outro lado para a determinação dos elementos etnogénicos de que se formou, do grau de mistura, cruzamento e assimilação desses elementos.

O quadro na página seguinte engloba os dados que se nos afiguram mais urgentemente necessários para um estudo inicial do nosso povo no ponto de vista antropológico.

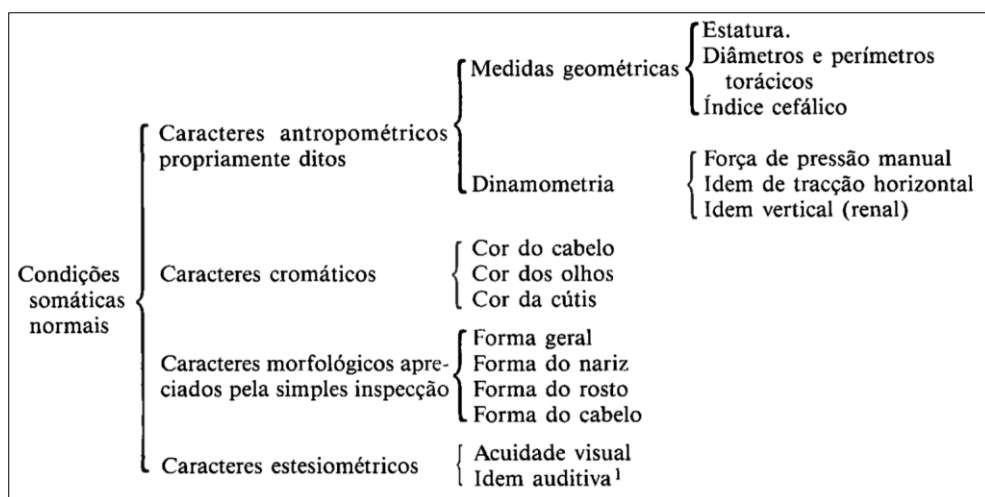
Esse quadro apresenta indicação de menor número de dados do que se acham em vários questionários e instruções antropológicos e em especial antropométricos que têm sido publicados no estrangeiro, menos e mais ao mesmo tempo do que algumas cédulas antropométricas feitas para investigações de carácter menos geral; mas a restrição e ao mesmo tempo generalidade desse quadro justificam-se, cremos, pelo complexo das questões que nos ocupam e pela necessidade de chegar tão de pronto quanto possível a resultados suficientemente seguros, os quais são difíceis de obter na extensão necessária sempre que se começa por questionários ambiciosamente complicados. Basta lembrar, para que pareça que somos talvez ainda ambiciosos, os resultados notáveis para a etnografia a que chegaram Broca na França com os dados obtidos acerca da estatura pelos registos do recenseamento, Virchow,

Holder e outros na Alemanha, Vanderkindere na Bélgica, Kopernicki e Meyer na Galícia, Beddoe na Inglaterra pela distribuição dos caracteres cromáticos, assim como o inquérito realizado em França relativamente a esses caracteres por Topinard.

Deixamos à competência da secção antropológica desenvolver, completar e converter em verdadeiro questionário para as investigações o nosso quadro.

Devemos lembrar que os estudos antropológicos foram já iniciados em Portugal: continuá-los é honrar a memória dos seus distintos iniciadores, tão cedo arrebatados aos seus amigos e à ciência.

O estudo antropológico do povo português deve naturalmente estender-se a todas as províncias e considerar estas nas suas relações de semelhança e de diferença. As variedades dialécticas, as diferenças de carácter e outras circunstâncias testemunham por diferenciações étnicas secundárias provinciais, a que correspondem talvez diferenças somáticas, revelando-se principalmente no predomínio de tal ou qual tipo.



Apesar da notável permanência dos tipos étnicos, manifestada através das justaposições, misturas e assimilações, produzem-se degenerações embaraçosas para a etnogenia, devidas a causas diversas, entre as quais tomam todavia um lugar importante as de ordem social. Assim, demonstrou-se a acção depressiva da miséria sobre a estatura e outros caracteres somáticos. Uma mudança no regime alimentar para pior basta para produzir num curto espaço de tempo o abaixamento do nível da estatura geral. Temos, entre outros, dois exemplos frisantes desse fenómeno. O primeiro foi observado na Suíça, pelo Dr. Butscher. Na terceira divisão no cantão de Berna foram ainda considerados aptos para o serviço militar em 1876 51,8 por cento dos recrutas.

Esse número desceu a 49 por cento em 1877, a 42,9 por cento em 1878, a 34, 8 por cento em 1879. Os recrutas pertenciam quase inteiramente à população rural, cuja alimentação, em virtude da exportação crescente da manteiga e do queijo, se reduz a café com algumas colheres de leite, de batatas e alguma aguardente, como bebida. O segundo exemplo é ministrado pelo Württemberg e respeita especialmente ao distrito de Wangen, em que os nos últimos anos se evidenciou na inspecção dos recrutas uma diminuição crescente da aptidão para o serviço militar; ora as isenções resultam predominantemente da aplicação da rubrica *b* da lei alemã de recrutamento, a qual se refere à isenção temporária por doença, fraqueza, inferioridade de estatura. A média dos excluídos do serviço militar em todo o Württemberg, em virtude dessa rubrica, nos anos de 1876-78 fora de 12,7 por cento; mas já então Wangen não pertencia aos distritos mais favorecidos: nos três anos a média dos excluídos fora lá de 15,7 por cento e em 1878 49,8; ora a causa crescente dessas isenções era o desenvolvimento insuficiente e tardio do corpo, de sua estatura e forças, mal que se atribuiu a uma mudança no regime de vida da população, principalmente da parte masculina. Desde alguns anos estabeleceu-se em muitas comunas de Wangen fábricas de queijo, às quais os lavradores vendem grande parte do leite dos seus gados. Para as crianças, adolescentes e mancebos e principalmente para os pobres fica apenas o leite absolutamente indispensável e em lugar desse alimento importante faz-se uso do café ruim e os rapazes que ainda mal deixaram a escola começam a beber cerveja, a que pela sua má qualidade se junta aguardente. Além disso cresce no distrito a população fabril.

Afigura-se-nos que investigação rigorosa sobre a alimentação do povo português, estudada nas suas relações com as condições somáticas e em especial com a estatura, trará importantes revelações.

Para esclarecer essa questão, tão interessante para o antropólogo, para o médico, para o etnólogo, como para o estadista e o patriota, a Secção de Ciências Étnicas vai empreender um inquérito especial sobre a alimentação presente do nosso povo e investigações sobre a sua alimentação no passado, o que não obsta a quaisquer estudos que da parte de outras secções e em especial da de geografia médica sejam feitas no mesmo sentido.

À solicitude da secção antropológica deveremos o ser elucidados sobre muitas outras questões importantes do seu domínio, entre as quais nos referiremos ainda à seguinte.

Como é sabido, não primam os alunos das nossas escolas pela aplicação ao estudo. Os perigos do *surmenage*, *Ueberbürdung*, *Overwork* ou, como podemos dizer em português, excesso de trabalho mental, não os correm eles. Pomos, está claro, de parte as excepções raras, promovidas pela pressa de chegar ao termo da carreira escolar e a fadiga e outros inconvenientes aliás sérios resultantes do trabalho de memorização de coisas muitas vezes ininteligíveis

para os alunos, a qual domina no nosso ensino, por falta de métodos de observação directa, trabalho a que se exime em parte, por vários processos, o maior número dos estudantes. Mas se o excesso do trabalho mental é um perigo, a estagnação intelectual não o é menor, e os resultados desta aparecem bem claramente no nosso meio social.

Como qualquer outro órgão, o cérebro carece de exercício e exercício complexo, correspondendo à complexidade da sua estrutura e destinos especiais de suas partes. Se é verdadeiro o velho prolóquio – *orator fil, poeta nascitur*, se a facilidade oratória é sobretudo resultado do exercício, o desenvolvimento considerável do centro psicomotor da linguagem (terceira circunvolução frontal esquerda nos dextros) que a autópsia revelou nalguns oradores, como Gambetta (trabalhos de Rüdinger, Manouvrier, Hervé), contribui para provar, entre outros factos, que realmente o exercício de uma função particular desenvolve de preferência a região do cérebro destinada a essa função; e daí parte-se para a suposição de que o exercício psíquico complexo trata consigo o desenvolvimento complexo do cérebro. Broca escreveu na sua memória sobre a *Influence de l'éducation sur le volume et la forme de la tête*: «Je crois avoir démontré que d'une part la culture de l'esprit et le travail augmentent le volume du cerveau, et que, d'autre part, cet accroissement porte principalement sur les lobes frontaux, qui sont le siège des facultés les plus élevées de l'intelligence.»

Têm-se feito diversos trabalhos tendentes a determinar por medições cefalométricas no vivo a influência da educação sobre o desenvolvimento craniano e respectivamente encefálico. Tomam entre esses trabalhos um lugar proeminente os de Francis Galton e inspiram o desejo de ver feitas entre nós investigações semelhantes, ainda que o resultado seja, como é de prever, desconsolador no que respeita à maioria da mocidade que frequenta as nossas escolas.

Mas não só dá a falta de exercício psíquico em resultado a falta de desenvolvimento cerebral – produz até, segundo alguns investigadores, verdadeira degeneração: as circunvoluções cerebrais obliteram-se, acumulam-se líquidos no cérebro, enfim numerosas perturbações infligem ao mais nobre órgão do homem o castigo da sua inactividade. E a degeneração ou a falta de desenvolvimento cerebral não resulta somente da falta de exercício intelectual, mas ainda da falta de exercício moral e estético.

O que os pedagogistas chamam desenvolvimento harmónico das faculdades não é mais do que o exercício complexo e bem equilibrado físico e psíquico necessário ao desenvolvimento regular, à saúde do cérebro. Educação, portanto, é higiene.

A antropologia, como a medicina, podem pois contribuir de modo poderoso com argumentos materiais, que são os mais indiscutíveis e mais geralmente inteligíveis, para a demonstração da necessidade urgente da reforma profunda da nossa educação nacional.

Com a consideração desses factos achamo-nos nos limites da antropologia e da patologia.

II - Estudo patológico do povo português

«Se não existissem a medicina humana e a ciência veterinária, o antropologista como o naturalista seriam obrigados a conhecer as doenças e os casos teratológicos particularmente interessantes para o assunto de que se ocupam e teriam de estabelecer paralelos com as doenças das espécies vizinhas e que procurar as diferenças intrínsecas que apresentam as raças. Mas aquelas ciências existem e consagram-se especialmente a essas questões. O antropólogo só pode ser aliviado da parte que elas podem ministrar-lhe e demora-se apenas nos pontos particulares que lhe importam mais. Tais são, por exemplo, a higiene do crânio e do cérebro durante a infância, nas suas relações com a boa conformação de um e doutro; as perturbações produzidas no seu livre desenvolvimento pela sinostose prematura das suturas destinadas a ficarem abertas mais tempo, pela compressão exterior imposta por certos usos ridículos, pela hidrocefalia, o raquitismo, a sífilis. Do mesmo modo em razão do princípio de que o cérebro e tudo que se lhe liga pertence ao domínio próprio da antropologia, a alienação e as suas diversas formas, do idiotismo até à mania e a epilepsia, assim como a criminalidade mórbida, salvo sob o aspecto clínico reservado aos médicos, devem ser estudados com cuidado pelo antropologista, que acha nesses fenómenos dados preciosos para a história dos desvios intelectuais vizinhos do que ele considera como o estado normal médio de um grupo da população. Além das três ciências que precedem, a que importa ligar a higiene geral, em cujo domínio entra o estudo dos meios ou mesologia e da sua influência, a climação e a antropologia. Cada uma só vê o seu fim, curar num caso, conhecer pura e simplesmente no outro.»

É muitas vezes difícil traçar limites entre ciências e sobretudo entre ciências que se ocupam do mesmo objecto, embora em diversos pontos de vista. A patologia de um povo não interessa só ao médico, que busca os meios de cura, ao antropólogo que aspira apenas a conhecer as raças humanas com todos os seus caracteres, estudando o homem zologicamente; interessa também ao etnólogo, para o qual a noção de raça é secundária, e a do povo, de unidade social, primária, e ao qual portanto importa conhecer se essa patologia depende de condições particulares histórico-sociais; interessa enfim à ciência social prática, de que a etnologia é uma das principais bases teóricas, e interessa a essa ciência com o fim de curar, como à medicina, com o fim de evitar os males, como à higiene: segue-se por isso que o etnólogo e o estadista

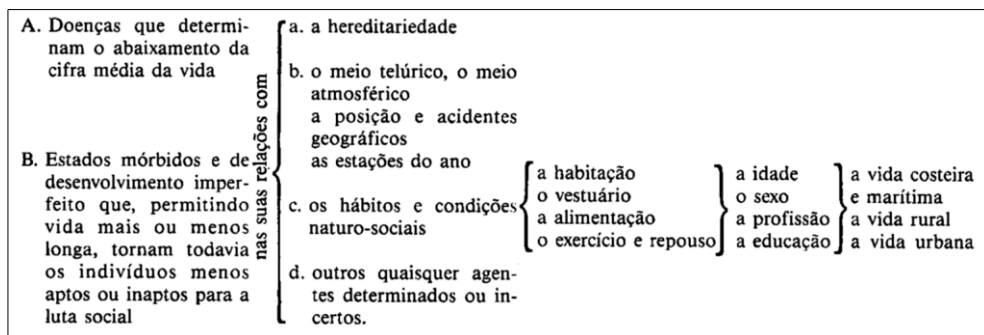
tenham de ser patologistas, que essas ciências sociais envolvam necessariamente conhecimentos especiais de patologia? E o antropólogo não se achará numa posição similar? Quando se trata de pôr em prática os meios de acudir aos indivíduos acometidos de tal ou qual epidemia, ou das medidas preventivas desta, o estadista ouve a opinião dos conselhos de saúde, constituídos por homens tidos na conta de competentes e ordena de acordo os alvitreiros por eles indicados. A necessidade da divisão do trabalho tem essas e semelhantes consequências.

Para nós a antropologia é essencialmente o estudo das raças no ponto de vista dos seus caracteres normais, que se completa pelo conhecimento de suas tendências ou imunidades relativas a tais ou quais doenças, conhecimento que o antropólogo, se não é médico, tem de aceitar da medicina.

Eis porque separamos o estudo da nossa patologia étnica do estudo antropológico.

Pode afirmar-se que o estudo patológico de um povo tem mais importância no ponto de vista étnico, social, que no ponto de vista antropológico: as condições sociais têm aqui um papel muito mais considerável do que as condições de raça. Colaborando com o etnólogo, ministrando a este documentos para completar o seu edifício, o médico tem de considerar a patologia necessariamente nesse ponto de vista social: ante os seus olhos os indivíduos com as suas histórias particulares vão perder-se então na colectividade-povo, e as suas conclusões adquirem tanto maior firmeza quanto maior for a base numérica sobre quem se fundem.

A importante literatura estrangeira da patologia história e geográfica e da higiene, da qual uma parte está ao nosso alcance, e a colaboração especial dos ilustrados membros da nossa secção que são médicos, permitir-nos-iam traçar um plano desenvolvido das investigações a fazer no domínio das condições patológicas do povo português; mas a esse plano faltaria por certo o carácter de competência, que só pode imprimir-lhe a Secção de Geografia Médica: limitando-nos pois a dar algumas indicações gerais no seguinte quadro, que exprime o que desejamos conhecer no que respeita àquelas condições, entregando à solicitude dessa secção a organização dos questionários para os estudos a fazer.



Permitimo-nos algumas observações sobre pontos que mais de perto interessam ao nosso estudo.

Falta-nos uma estatística que mostre a extensão actual da lepra em Portugal e parece reinar ainda incerteza sobre o modo de propagação dessa doença, que por ter sido considerada mais de uma vez de origem étnica, por ser causa depressiva e mortífera para algumas regiões do país, pela possibilidade de mais considerável extensão que algumas investigações modernas fazem recear com razão ou sem ela (M. Mackenzie e outros), atrai a atenção do etnólogo e do estadista, tanto como a do médico. O estudo do assunto, sob todos os aspectos, seria pois do mais alto interesse.

A investigação das causas da mortalidade infantil (inclusive a mortalidade) pode ministrar dados importantes para a apreciação das condições somáticas, económicas e morais do povo português.

Todas aquelas doenças que, pela sua frequência, mais flagrantemente revelam a falta de higiene pública e privada, resultante de vícios de administração e de educação e da miséria, chamam o olhar atento de todos os que se desvelam pela prosperidade nacional, a fim de se determinarem a extensão e causas do mal e exigir-se a aplicação urgente do remédio, nos limites do possível. As condições especiais da vida urbana carecem sobretudo de um exame completo que leve a dados rigorosos.

O capítulo das doenças do sistema nervoso, tanto das que são classificadas como francamente orgânicas, como das denominadas funcionais, tem necessariamente, a nosso ver, que avultar num estudo médico empreendido no ponto de vista étnico.

Durante muito tempo as expressões de povos degenerados, povos enervados, foram empregadas pela literatura e a história para caracterizar os povos decaídos de suas passadas virtudes; mas não se dava a essas expressões mais que o valor de simples figuras, porque não se conhecia ou não se apreciava em toda a sua extensão a interdependência íntima dos fenómenos físicos

e dos fenómenos psíquicos. Podem em verdade coligir-se nos escritores antigos e modernos numerosas provas de que a atenção dos observadores de diversos tempos não escapou o facto de que a degradação social, a degradação psíquica, vai *pari passu* com a degradação física. Demócrito de Abdera enunciara o famoso princípio, que falsamente se supôs criado pela escola salernitana, mas que Juvenal divulgara para sempre num verso das suas sátiras:

Orandum est ut sit mens sana in corpore sano.

Mas apesar disso é mister chegar ao nosso tempo para ver iniciar-se a verdadeira compreensão das correlações profundas entre as doenças psíquicas, as doenças sociais e as doenças somáticas, sobretudo das que ferem o sistema nervoso.

Em 1880 o médico norte-americano George Beard publicou uma monografia traduzida no ano seguinte para alemão por Neisses com o título *Die Nervenschwäche (Neurasthenie)* em que, sob o nome, ao que parece, então novo de neurastenia (à letra: falta de força dos nervos) designou um estado mórbido de múltiplos sintomas, que ele supôs especialmente frequente nos Estados Unidos da América do Norte e resultante sobretudo das condições sociais ali existentes. A crítica europeia em breve viu que não se tratava de maneira alguma de uma doença nova e ainda menos de uma doença peculiar da civilização ianque, mas sim de um estado mórbido muitas vezes descrito, de modo mais ou menos completo, embora nem sempre bem separado de outras afecções nervosas; e tão conhecido era ele que a sua sinonímia era rica: fraqueza irritável, excitabilidade nervosa, diátese nervosa, caquexia nervosa, marasmo nervoso, estado nervoso, neuropatia, neuropatia ou neurose vaga, proteiforme, neurose simplesmente, neurosamia, neuropatia cérebro-cardíaca, dispepsia nervosa, neuropatia visceral, irritação espinal, irritação cerebral, pressão cefálica, enfim para não alargar mais a lista, nervosismo ou simplesmente *nervoso*, que é a denominação mais popular. Bouchut escreveu um livro em francês sobre esse mal (*Du Nervosisme aigue et chronique*, 2.^a ed., 1877), Krishaber e Brochin, extensos artigos no *Dictionnaire encyclopédique* de Dechambre; coligira-se a bibliografia dos autores anteriores sobre a matéria, que antes e depois da publicação do livro de Beard foi tratada na Alemanha por diversos médicos, entre os quais figuram notabilidades como v. Ziemssen (*Klinische Vorträge*, 7, *Die Neurasthenie und ihre Behandlung*, 1877) e Kraft Ebbing, *Ueber Nervosität*, 3.^a ed., 1884).

«As particularidades de raça e de povo, diz v. Ziemssen, representam grande papel na etiologia da neurastenia. A raça semítica é especialmente predisposta em alto grau para essa afecção. Há um traço neurótico em toda essa família étnica apesar da sua capacidade de produção e tenacidade de profissão. O judeu vence com admirável energia e consequência os embaraços e dificuldades que encontra na sua carreira progressiva; mas uma causa de

depressão moral, uma doença na família pode paralisá-lo por completo. A impressão que um acontecimento triste, por exemplo, a morte de um membro da família, principalmente do pai ou da mãe, faz sobre o seu ânimo impressionável é muito profunda e só muito lentamente se esvanece. Também o mau êxito de uma empresa financeira, uma perda de bens, ainda que moderada, pode trazer-lhe de um golpe o quadro completo da neurastenia. A esta não se liga necessariamente incapacidade para o trabalho: a neurastenia apresenta aqui um tipo predominantemente psíquico, manifestando-se na disposição depressiva do ânimo.

O quadro é diferente nos povos eslavos e orientais. Nos russos, principalmente na alta sociedade, apresenta-se a neurastenia como característica geral. Em nenhuma nação se acham tantos cérebros gastos antes do tempo, tantos jovens envelhecidos; não é simples embotamento (*'Blasirtheit'*), que tenha a sua origem no gozo muito precoce e intenso dos prazeres da vida; mas um esgotamento primário do sistema nervoso, que produz cedo incapacidade mental, total ou parcial. A elevada produtividade e frescura intelectual que concedem à idade avançada um corpo são e uma vida laboriosa são na Rússia mais raras que em qualquer outra parte.»

Rodilf Arndt, professor de psiquiatria na Universidade de Greifswald, traçou no seu livro *Die Neurasthenie (Nervenschwäche), ihr Weaen, Beudetung und Behandlung* (Wuen and Leipzig, 1885), um quadro larguíssimo da sintomatologia e etiologia dessa afecção, espraiando-se em considerações por vezes exageradas e em extremo pessimistas, além de teses batidas pelos especialistas sobre a correlação da neurastenia e as doenças propriamente orgânicas do sistema nervoso. Todavia, as observações históricas e etnológicas que ele apresenta no capítulo II merecem atenção. Segundo Arndt há povos neurasténicos e nesse número menciona, no seu período de decadência, as tribos semíticas da Mesopotâmia, os antigos Egípcios, os Persas, os Romanos, os Muçulmanos da Europa Oriental. Fala-nos também da neurastenia americana, russa, alemã e não esquece a Itália e a Espanha, conquanto relativamente a estes últimos países se limite à observação, inúmeras vezes repetida, da pronta excitabilidade dos povos do meio, a qual os arrasta facilmente a acções rápidas, precipitadas, revelando o carácter impulsivo ou explosivo, com todas as suas consequências. Sem dúvida essa excitabilidade não é privilégio exclusivo dos povos meridionais; mas não pode deixar de ser considerada como afeição sua, embora mais ou menos exageradas, mais ou menos atenuada segundo os tempos e os lugares.

Independentemente do que possa haver de étnico no nervosismo de todos esses povos na nossa época, há que considerar as causas que residem na fase mesma da civilização que atravessamos, e em que se têm notado numerosos agentes de excitabilidade e depressão nervosas. O nosso século mereceu o epíteto de século nervoso.

Conquanto o mal, portanto, seja geral, onde ele encontrar predisposições de raça, de povo, condições sociais e de meio geográfico favoráveis ao seu desenvolvimento, deve necessariamente crescer em intensidade e extensão.

Dá-se esse caso no nosso país?

Tal é um dos problemas que desejamos ver elucidado pela Secção de Geografia Médica.

Estudando desapassionadamente a nossa vida social revelam-se-nos nela os seguintes sintomas, entre outros, pouco lisonjeiros:

Falta de iniciativa; espírito quase constante de hesitação, que não exclui alguns raros impulsos enérgicos no começo, mas seguidos em breve de abandono da empresa começada (excitabilidade esgotável). – Incapacidade progressiva para o trabalho e sobretudo para o trabalho intelectual persistente, a que se liga muitas vezes a consciência de inaptidão («an instinctive consciousness of inadequacy before us», Beard). – Pusilanimidade na vida pública manifestando-se principalmente na incapacidade de ter opinião independente; ou ao contrário, afirmação exagerada de ideias revolucionárias, de que se está longe de conhecer os fundamentos. – Grande pressa em chegar às posições mais altas a que se pode aspirar; como que se receia (para empregar a frase vulgar) que o mundo fuja. – Predomínio dos sentimentos egoístas sobre os colectivistas, falta de espírito de generalidade. – Espírito excessivo de imitação (tipificação é a neurose de imitação, *latah* dos malaioes). – Insânia moral frequente, manifestando-se em formas múltiplas. – Pessimismo, hipochondria e fatalismo social; o primeiro levando a nação a considerar-se como irremediavelmente perdida; o segundo fazendo-a considerar a sua sorte como dependente de condições fora de sua vontade. – Alternando com esse pessimismo e a desconfiança de todos e de tudo a que ele leva, confiança momentânea, que faz aceitar como salvador o primeiro charlatão ou a primeira nulidade que se impõe por quaisquer circunstâncias externas; sonhos absurdos de grandeza, que tornam mais dolorosa a triste realidade quando ela se impõe com a brutalidade dos factos.

- Como resultado da falta geral de iniciativa, de individualidade, retrocesso aos instintos gregários das sociedades animais, revelado na sujeição servil aos chefes que se impõem por um pouco de audácia e na convicção que se ouve exprimir tantas vezes de que só um despotismo pode salvar a nação.

Não revelam essas deploráveis condições psíquicas do nosso povo um verdadeiro estado mórbido, que se há-de manifestar igualmente em sintomas somáticos? Não atingiu entre nós a neurose do século um alto grau?

Na etiologia do mal tem talvez lugar importante todas as causas depressivas que durante três séculos actuaram sobre nós e talvez ainda não seja estranho a ela o elemento semítico da nossa etnogenia, elemento cujo carácter neurótico foi, como vimos, já assinalado; mas a causa determinante principal afigura-se-nos estar na falta de educação capaz de imprimir a todos os

órgãos da vida o exercício que exige o seu desenvolvimento normal, equilibrado. Como não haverá falta ou vício no domínio dos sentimentos e ideias que respeitam à colectividade, se a educação não desenvolveu os órgãos cerebrais destinados a essas altas funções, deixando-os ao contrário entregues à atrofia crescente de geração em geração?

Causas e efeitos fisiológicos, causas e efeitos psíquicos acham-se aqui tão intimamente ligados que a distinção se torna em verdade muito difícil.

Não é, compreende-se, num ponto de vista pessimista que desejamos ver estudados os males que afligem o povo português e de que todos padecemos em menor ou maior grau; mas sim na convicção de que é possível o remédio.

III - Estudo demográfico do povo português

As investigações antropológicas conduzem a resultados que se exprimem numericamente e por isso se falou já de uma estatística somatológica (G. Mayr); todavia não deve de modo algum considerar-se a antropologia como um ramo da estatística, tal como esta deve ser compreendida na qualidade de ciência independente ou antes de método particular de investigação dos fenómenos da vida social. A antropologia é, como já indicamos, uma ciência natural que se preocupa acima de tudo das noções histórico-naturais de espécie e raça e tenta achar as raças nos povos. Os fenómenos sociais não podem interessá-la senão no que eles ministram para a determinação das raças humanas.

A patologia, desde o momentos em que transcende os limites do indivíduo para estudar as condições mórbidas generalizadas de uma sociedade, tem necessariamente que se encostar a dados numéricos: existe por isso a estatística médica ou patológica. Neste domínio, por isso mesmo que, como dissemos, os fenómenos patológicos dependem mais de condições étnicas, sociais, que de condições de raça, os médicos encontram-se como o estatístico, como o demógrafo: a um e outro interessa o conhecimento da cifra total da mortalidade, a repartição dela por idade e sexos, etc.; mas se o estatístico classifica também os casos de morte segundo as causas mórbidas que os produziram, só pode fazê-lo com o auxílio do médico, em face dos boletins de óbito. Todavia as repartições centrais de estatística podem sem inconveniente recolher os dados para a estatística médica, tornando assim desnecessária uma repartição especial para esta. O papel do médico está aqui realmente em dois pontos extremos: primeiro na classificação da causa de morte no boletim de óbito, acto a que deve atender sempre a toda a sua responsabilidade e sinceridade profissional; segundo no estudo das causas da frequência ou da raridade, maior ou menos, de tal ou tal doença em frente da estatística já constituída pelas repartições centrais.

Etnologia e demografia são, como já dissemos, as ciências gerais sociais. A primeira, para poder caminhar com segurança no seu caminho próprio, tem de se apoiar na segunda. Suponhamos, por exemplo, que o etnólogo quer apreciar o grau de instrução de um povo, a sua tendência para a criminalidade, o seu espírito beneficente, como poderá fazê-lo com rigor, se não se basear sobre dados estatísticos? Os dados sobre o movimento da população, da emigração podem servir, quando bem, interpretados, para auxiliar a apreciação da vitalidade e energia expansiva de um povo.

A demografia, como as ciências étnicas, acha-se em via de formação. Os seus métodos, as delimitações do seu domínio estão ainda em parte hesitantes; por isso se explica como o que entendemos por estatística moral, estatística intelectual e estética seja separado geralmente da demografia propriamente dita, que se define particularmente o estudo da população, já num momento dado (estática da população), já comparativamente em diversas épocas (dinâmica da população). Mas na ideia de muitos dos cultores dessa ciência ou antes método especial de investigação científica, a demografia é mais alguma coisa.

«A demografia, diz J. Bertillon, é o estudo da vida colectiva. O seu fim é estudar como as sociedades se desenvolvem, se renovam e acabam por se desagregar e morrer. Busca como os homens de cada povo são constituídos física e moralmente, que profissões os fazem viver; estuda como e porque se casam, em que proporções têm filhos, como os educam, etc. Mostra enfim em que circunstâncias, em que idade e por que causas eles morrem.»

Assim definida, a demografia confundir-se-ia em parte com a etnologia: mas o método de investigação numérica da primeira separa as duas ciências, além de outras características que as distinguem. Todavia é evidente que, admitida aquela definição, o estudo dos fenómenos sociais que são do domínio da estatística moral, da estatística intelectual e estética entram por inteiro no quadro da demografia. Eis porque esta parte do nosso esboço que se refere a essas diversas estatísticas, assim como à da população, tem simplesmente por título: *Estudo Demográfico do Povo Português*.

Os elementos para esse estudo ministrados pelas publicações oficiais são já numerosos, conquanto estejam ainda longe de satisfazer as exigências científicas, sempre crescentes. A Sociedade de Geografia pode fazer sentir à administração pública as principais lacunas existentes. O que incumbe especialmente à sua Secção de Estatística é o estudo crítico, histórico, comparativo de todos esses elementos, a sua concatenação num corpo de doutrina unitário.

O nosso esboço de programa indica os pontos mais importantes a considerar.

A. Movimento da população

- a) Comparação entre os censos e dados estimativos de diversas épocas.
- b) Aumento anual da população (*ratio* aritmética *ratio* geométrica – fórmula de Bodio).
- c) Distribuição da população; população específica por províncias, distritos e concelhos.
- d) População sedentária e população flutuante.
- e) Natalidade
 - 1) nascimentos legítimos e ilegítimos;
 - 2) por sexo;
 - 3) por estado civil dos pais;
 - 4) por profissão dos pais;
 - 5) por províncias, distritos, concelhos;
 - 6) por meses;
 - 7) nos domicílios, nos hospitais;
 - 8) gémeos;
 - 9) expostos e abandonados;
 - 10) correlação da natalidade com os preços dos géneros e outros factos económico-sociais.
- f) Nupcialidade
 - 1) civil ou religiosa, e esta pelas confissões (sendo possível obter dados relativos aos casamentos não católicos);
 - 2) por idades, separadamente para cada sexo;
 - 3) por estado civil, separadamente para cada sexo;
 - 4) por idades, relativamente a cada par;
 - 5) por estado civil, relativamente a cada par;
 - 6) por meses, dias da semana;
 - 7) por províncias, distritos e concelhos;
 - 8) proporção de núbios e casados;
 - 9) celibatários;
 - 10) esposos que vivem separados;

- 11) correlação da nupcialidade com os preços dos géneros e outros factos económico-sociais.

g) Mortalidade

- 1) mortalidade por sexos;
 - 2) mortalidade por sexos;
 - 3) mortalidade por idade;
 - 4) mortalidade por estado civil;
 - 5) mortalidade por profissão;
 - 6) mortalidade por meses;
 - 7) mortalidade por províncias, distritos e concelhos;
 - 8) mortalidade por nos domicílios, nos hospitais, nas prisões;
 - 9) correlação da mortalidade com o preço dos géneros e outros factos económico-sociais;
1. mortalidade segundo as causas.
- h) Estatística profissional.
- i) Emigração.
- j) Estrangeiros residentes.
- k) Estatística dos cegos, surdos-mudos, surdos, estropeados, mutilados, idiotas e alienados.

B. Estatística moral

a) Estatística criminal.

- 1) Determinação numérica de todos os crimes, quer os réus tenham sido processados, presos, julgados e condenados, quer não;
- 2) Determinação da relação entre os crimes cometidos e os réus processados, com indicação dos crimes praticados de sociedade por mais de um réu e dos réus acusados cumulativamente de mais do que um crime;
- 3) Classificação dos crimes segundo o código penal, e dentro das três grandes divisões: crimes contra pessoas (incluindo as au-

- toridades); crimes contra a propriedade; crimes contra a segurança do estado, a ordem, a tranquilidade pública, não incluídos nas outras divisões;
- 4) Classificação dos crimes em relação ao n.º 3 e ao mesmo tempo à sua causa principal determinante (ódio e paixão, cobiça e utilidade própria);
 - 5) Distinção dos condenados e absolvidos com indicação da duração do processo até ao julgamento;
 - 6) Classificação das penas aplicadas, segundo o seu grau, qualidade e duração;
 - 7) Enumeração dos reincidentes e sua distribuição segundo a natureza dos crimes e número de reincidências, distinguindo as idades e sexos.

Para que a estatística criminal possa assentar-se sobre bases sólidas é necessário que se generalize o uso de folhas individuais contendo para cada indivíduo as seguintes indicações:

- 1) Proveniência (nacionalidade, naturalidade);
- 2) Nascimento (legítimo, ilegítimo, filho de pais incógnitos, perfilhado ou legitimado);
- 3) Posição, profissão dos pais; orfandade total ou parcial;
- 4) Idade e sexo;
- 5) Estado civil (solteiro, casado, viúvo, divorciado); se tem filhos;
- 6) Particularidades somáticas (dados de antropologia e patologia);
- 7) Profissão, condições de fortuna;
- 8) Domicílio (casa de que é proprietários, casa alugada, hospedaria, casa de malta, domicílio incerto; no campo, na cidade);
- 9) Estado de instrução (analfabeto, sabendo ler e escrever, ou só uma das duas coisas, com instrução secundária, superior, especial, etc.);
- 10) Religião;
- 11) Data, lugar, circunstâncias essenciais do crime;
- 12) Antecedentes (se já foi processado, julgado, condenado, se está sob a vigilância da polícia; se é reincidente, número das reincidências).

Relativamente ao último ponto deve ter-se especial cuidado em registar as seguintes particularidades:

- aa) Se é vagabundo notório ou mendigo.
- bb) Se é ladrão de hábito.
- cc) Se é ébrio de hábito.
- dd) Se é prostituído ou prostituta (segundo o sexo) ou se se ocupa de prostituição (sodomita, rufião, patrão ou patroa).
- ee) Se é criminoso isolado ou faz parte de associação criminal.
- ff) Dados que permitam a característica psíquica.

Não entraremos aqui no exame dos métodos que permitem uma rigorosa apreciação da criminalidade de um povo sobre a base desses dados, o que nos levaria longe dos limites que por hoje temos que nos impor. Nas obras citadas abaixo encontrar-se-á o essencial sobre esse assunto.

b) Estatística da prostituição.

Devem ter-se em consideração principalmente as seguintes particularidades nos dados individuais para essa estatística:

- 1) Idade na nota da matrícula;
- 2) Idade na data da estatística;
- 3) Nacionalidade, naturalidade;
- 4) Nascimento (legítimo, ilegítimo, perfilhada ou não, legitimada);
- 5) Posição e profissão dos pais;
- 6) Estado civil (solteira, casada, viúva, divorciada);
- 7) Se é mãe;
- 8) Profissão anterior; se continua a exercê-la;
- 9) Natureza do domicílio (casa alugada, casa de patrão ou patroa, domicílio incerto);
- 10) Particularidades somáticas; em especial se foi já tratada de sífilis;
- 11) Causas da prostituição;
- 12) Criminalidade e vícios das prostitutas, como embriaguez, tribadismo;
- 13) Tatuagem;
- 14) Dados para a característica psíquica.

Deve-se ainda ter em vista:

- 1) O número de bordéis;
 - 2) O número máximo, mínimo e médio de prostitutas nos bordéis;
 - 3) O sexo dos donos dos bordéis.
- c) Estatística dos divórcios, com determinação da idade dos divorciados, causas, se têm filhos, etc.
- d) Estatística dos suicídios, tendo em vista:
- 1) O sexo;
 - 2) A idade;
 - 3) O estado civil;
 - 4) A profissão;
 - 5) O mês;
 - 6) As causas;
 - 7) O modo da perpetração.
- e) Estatística da mendicidade tendo em vista:
- 1) O sexo;
 - 2) A idade;
 - 3) O nascimento;
 - 4) A naturalidade;
 - 5) O estado civil;
 - 6) As particularidades somáticas (havendo mutilações, as causas destas);
 - 7) O domicílio.
- f) Estatísticas da previdência.
- g) Estatística da beneficência.

C. Estatística intelectual.

Por enquanto os dados a colher neste domínio têm que se restringir quase unicamente ao seguinte:

a) Estatística de instrução:

- | | | |
|--------------------------------------|---|---|
| 1) primária | } | Número de escolas, de alunos,
de professores; frequência;
resultados finais; despesas, etc. |
| 2) secundária | | |
| 3) superior | | |
| 4) especial e profissional | | |
| 5) Museus, bibliotecas,
arquivos. | } | Empregados, colecções, visitantes,
leitores; despesas. |

b) Estatística do movimento da imprensa:

- | | | |
|----------------|---|---|
| 1) Livros. | { | Classificados por géneros literários e científicos. |
| 2) Periódicos. | | |

D. Estatística estética.

Para este ramo de estatística, que se acha apenas iniciado, podem considerar-se, além dos dados ministrados pela rubrica C, os seguintes:

- 1) Visitantes dos museus e exposição de belas-artes;
- 2) Frequências comparada dos diversos espectáculos: teatros, circos, etc.).